

Hran fará transplantes de rim

MARCELA DUARTE
DA EQUIPE DO CORREIO

Dobrar o número de transplantes renais no Distrito Federal de 40 para 80 a cada ano é uma das principais metas da Secretaria de Saúde para 2008. O aumento das cirurgias será possível a partir do credenciamento do Hospital Regional da Asa Norte (Hran) pelo Ministério da Saúde como unidade capaz de realizar o procedimento. A autorização deverá ser assinada na semana que vem pelo ministro José Gomes Temporão. A medida foi anunciada na tarde de ontem pelo governador do DF, José Roberto Arruda. Depois da assinatura, o primeiro transplante será imediatamente autorizado. Além da boa notícia para os pacientes renais, Arruda autorizou a abertura de concurso público para contratar 1.663 novos profissionais da saúde.

Os pacientes renais avaliam o credenciamento do Hran como uma conquista esperada há 40 anos. "Agora teremos mais uma opção para transplantes. Isso significa mais dignidade para os pacientes. É uma grande vitória", avaliou Marinho Valente, 60 anos, diretor da Associação de Doentes Renais (Arebra), depois da cerimônia no auditório do Hran.

De acordo com a presidente da Arebra, Regina Gonçalves, cerca de mil pacientes estão em tratamento no DF. "Este número significa que são pacientes que precisam de transplante. Claro, que

Edilson Rodrigues/CB - 4/3/07



DEPOIS DE MUITAS MANIFESTAÇÕES PELA MEDIDA, DOENTES RENAIOS FINALMENTE TIVERAM O DESEJO ATENDIDO

temos casos emergenciais", destaca Regina. Além de investir em equipamentos e profissionais, a Secretaria de Saúde também quer conscientizar a população sobre a importância de doar órgãos. "É um papel do governo trabalhar essa conscientização, mas também da sociedade. O número de doadores pode ser muito maior", avalia o subsecretário de Atenção

à Saúde, Milton Menezes.

Dados da Secretaria de Saúde mostram que a média de transplantes renais no DF é de 40 por ano. Com o credenciamento do Hran, a Secretaria de Saúde poderá dobrar o número para 80 cirurgias. Até o ano passado, o Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) era o único hospital público que realizava transplantes.

Saúde da Família

Com as 1.663 novas vagas para profissionais de saúde (entre mé-

dicos, auxiliares de enfermagem, enfermeiros), deverão ser criadas mais 100 equipes do Programa Saúde na Família e completadas as 35 existentes. O quadro de funcionários nas emergências dos hospitais e dos centros de saúde também aumentará.

A Secretaria de Planejamento também foi autorizada a aumentar a carga horária de alguns profissionais de saúde de 20 horas para 40 horas. A medida vai possibilitar abrir 46 leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), que ficavam parados por falta de profissionais. "Pessoas que hoje trabalham em regime de 20 horas, vão trabalhar 40. Assim ficarão mais motivados e terão dedicação exclusiva à saúde pública, sem ter que trabalhar em um hospital particular", afirmou o governador.

Ainda na tarde de ontem, Arruda visitou as instalações da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (Fepecs), onde funciona a Faculdade de Medicina do GDF, na Asa Norte. As obras de reforma estavam paradas desde 2005. Em março, o GDF liberou cerca de R\$ 400 mil para a conclusão do trabalho, prevista para setembro. O governador anunciou que quer montar uma faculdade de enfermagem vinculada à Secretaria de Saúde. "Ainda não sabemos se aqui ou em um prédio na Samambaia. Mas nosso desejo é que, além da faculdade de medicina, possamos oferecer curso de enfermagem também", afirmou.

Atendimento ameaçado

O Instituto do Coração do Distrito Federal (Incor-DF) vem mantendo o atendimento ao público com dificuldade. Dos 59 médicos que trabalhavam no local, ontem restavam apenas 26. Parte deles foi demitida e a outra pediu desligamento por causa dos atrasos de salário. Com a equipe reduzida, pode haver a interrupção no atendimento por falta de médicos. O Correio apurou que o Pronto Socorro deve ser o primeiro a ser atingido. Os funcionários garantem que, apesar das dificuldades, nenhuma cirurgia foi remarcada e que, por enquanto, os atendimentos continuam normais.

Atualmente, existem 45 pacientes internados. Toda a equipe teve de ser remanejada para cuidar dos doentes. "Está muito difícil trabalhar. Além da falta de profissionais, ainda existe a insegurança. Ninguém sabe o que vai acontecer ao Incor", comentou um funcionário. "Isso não pode ficar apenas no âmbito da política. É preciso perceber o papel social do Incor", destacou outro servidor.